

Comer em Reguengos, no Neolítico. As estruturas de combustão da Área 3 de Xarez 12

■ VICTOR S. GONÇALVES¹ ■

RESUMO Apresentam-se as estruturas de combustão do sítio Xarez-12, atribuídas ao Neolítico antigo, médio e final, caracterizam-se os diferentes tipos e sublinha-se a sua presumível polivalência (uso culinário e operações de talhe efectuadas junto ao calor residual ou tratamento térmico das matérias primas).

Estas estruturas, em número superior a três dezenas, incluem empedrados de seixos de rio, de quartzo e quartzito, fornos de argila fechados (o conjunto mais antigo) e “fogareiros”, também de argila, atribuídos ao Neolítico final.

Os restos de cozinhados recolhidos no exterior imediato e dentro das estruturas permitem concluir do consumo local, no Neolítico, de bovídeos, porco, ovelha, javali, veado e amêijoas de rio (*Unio*).

De onde se poder falar certamente de borrego assado no forno e com mais dificuldade de... carne de porco à alentejana...

Na realidade, esta última situação é apenas provável, uma vez que os restos de porco e as amêijoas de rio foram encontradas no mesmo forno, mas não é possível provar se foram efectivamente cozinhados em conjunto. Poderiam ter sido simplesmente abertas ao lume, após resíduos de uma anterior refeição de porco terem ficado conservados no interior da estrutura.

Excepcional é a situação do forno I, em cujo interior se encontraram vários recipientes quebrados e, dentro do mais recente, uma mandíbula de bovídeo, configurando a conhecida “sopa de ossos”, até há pouco tempo comum na região.

ABSTRACT This article presents a first view of the combustion structures of the site of Xarez-12, attributed to the Early, Middle, and Late Neolithic, characterizes their different types, and highlights their presumed polyvalence in cooking, carrying out work next to the residual heat, or thermally treating raw materials.

These structures, numbering more than three dozen, include pavements of river cobbles of quartz and quartzite, enclosed ovens of clay (which are the oldest group), and smoking pits, also of clay, attributed to the Late Neolithic. The remains of cooking recovered within the structures and in the immediate exterior allow us to infer the local consumption, in the Neolithic, of bovinds, pigs, sheep, wild pig, deer, and freshwater mussel (*Unio*). Although one can speak definitively of lamb roasted in the oven, it is with more difficulty that we speak of ‘porco à alentejana’, nowadays a typical regional dish... In reality, this latter situation is only probable, as although remains of pig and freshwater mussels were found in the same oven, it is not possible to prove that they were effectively cooked together. They could have simply been exposed to the flame, after residues of an earlier meal of pork had been preserved in the interior of the structure. Nevertheless, the question remains a very interesting possibility. Exceptional is the situation of oven I, in whose interior were found various broken vessels and, within a more recent one, a mandible of a bovid, suggesting the well-known ‘bone soup’, which was common until recently in the region.

I. XZ-12

O sítio Xarez 12 foi tardiamente identificado, no âmbito das prospeções levadas a cabo na preparação da minimização de impactes do enchimento da Barragem de Alqueva. Muito pouco material foi recolhido então, não permitindo uma caracterização rigorosa. A EDIA guarda ainda um pequeno saco com algumas cerâmicas atípicas, uma decorada a pente, seixos talhados e algum pouco sílex.

Visitei-o pela primeira vez em 1998, acompanhado por José Perdigão. À superfície, recolhemos apenas dois fragmentos de cerâmica, mais uma vez atípica, mas fiquei impressionado pela localização do sítio, apenas ligeiramente acima do leito de cheia do Guadiana, controlando uma curva do rio. Na programação selectiva das intervenções, reservei-lhe um tempo largamente superior ao que parecia lógico. Em tempo curto se verificou que tinha razão.

Os trabalhos decorreram ao abrigo das medidas de minimização de impactes (Bloco 3), financiadas pela EDIA. Nos termos de uma leitura estrita das condições contratuais, foi solicitada e obtida autorização para a divulgação de estes dados, antes da publicação da monografia sobre os povoados das antigas sociedades camponesas da margem esquerda do Guadiana e da bacia da Ribeira do Álamo.

O autor agradece a João Luís Cardoso a primeira classificação da fauna mamalógica e a Ana Catarina Sousa a colaboração de sempre, particularmente na discussão crítica e no scrolling das sínteses de campo.

Localização administrativa

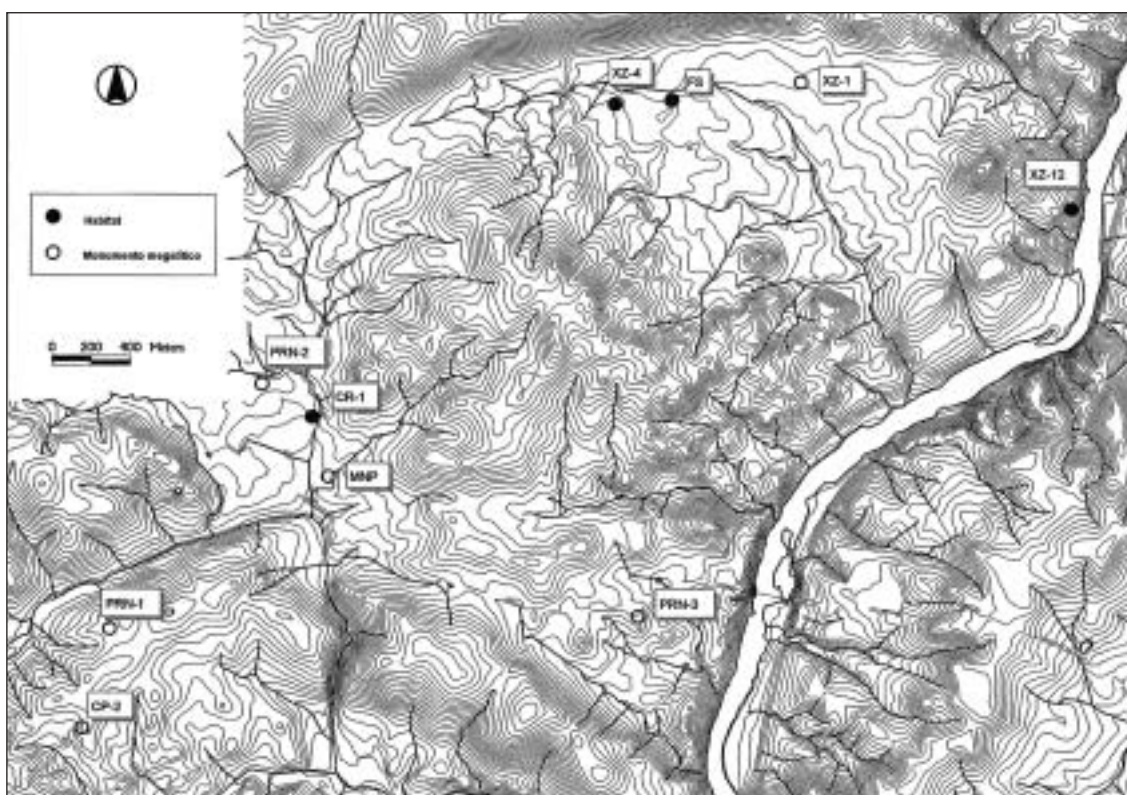
O sítio Xarez 12 (XZ-12) situa-se na freguesia de Monsaraz, concelho de Reguengos de Monsaraz, distrito de Évora.

Coordenadas

M – 266713,38

P – 160986,41

N – 120,37



MAPA 1 – O sítio Xarez-12 e os restantes monumentos e sítios da área. Cartografia automática efectuada pelo NPC/DAP de Mourão (EDIA), de acordo com os dados de localização fornecidos. XZ-12: Xarez 12; XZ-4: Xarez 4; FS-1: Fonte dos Sapateiros; CR-1: Carraça 1 (os restantes são monumentos megalíticos: CP-2: monumento Capelinha 2; MNP: Anta do Monte Novo do Piornal; PRN-1 a -3: Antas da Herdade do Piornal; XZ-1: Anta 1 do Xarez).

Acessibilidade

Ainda em 2002, Estrada Reguengos - Mourão, desvio para Monsaraz, imediatamente antes da antiga ponte, caminho de terra batida a partir do Monte do Xarez de Baixo até à margem. A submergir em 2002, se o calendário de enchimento da Barragem de Alqueva se cumprir.

Descrição sumária

Em Campanhas que se desenvolveram sobretudo de 1998 a 2001, mas com uma micro-acção ocorrida ainda em 2002, e que originou a actualização de este texto, definiu-se uma área relativamente extensa, com cinco núcleos de ocupação diversificados designados por “Áreas”, todos eles referidos a uma mesma realidade global, flutuante nos seus componentes ao longo da diacronia.

Grandes blocos graníticos, por vezes aglomerados como um *torr*, criam micro-realidades (coincidentes com as sondagens de escavação) e efectuam uma real compartimentação do espaço. Estas realidades devem-se ter traduzido em diferentes formas de ocupação do espaço, determinando a existência de áreas funcionais, mas também criando diferentes condições de preservação. No espaço fechado da Área 3, existiu uma sequência de ocupação específica, felizmente preservada da acção da agricultura moderna.

A ocupação de Xarez 12 remonta, pelo menos, ao Neolítico antigo, facto mais ou menos pacífico, apesar de não existirem datações absolutas, sustentado pelas presenças da indústria lítica e pelos tipos de cerâmica, nomeadamente impressa e de tipo car-



FIG.1 – Vista do Guadiana, a partir do sítio XZ-12.



FIGS. 2 / 3 – As estruturas de combustão da área 3.

dial. É possível, mas problemática, a existência de uma ocupação mais antiga, a avaliar pela escassa informação da UE 4. O habitat deverá ter-se mantido em funcionamento durante todo o Neolítico, com uma ruptura abrupta no Neolítico final. As comunidades do Neolítico final marcaram de forma diferente a área de ocupação e em alguns pontos (como na Área 4), afectaram profundamente as ocupações antigas.

2. A Área 3

A Área 3 de Xarez 12 constitui-se, no conjunto do sítio, como realidade própria, apresentando uma nítida delimitação rochosa na linha S-N, a que se opõe um grande bloco de granito com orientação NE-SE. A Área a N está fechada e a que se encontra a Sul não tem delimitação aparente.

Nesta Área, foi identificado desde 1998 um conjunto de mais de trinta estruturas de combustão, de argila ou pedras, associado a uma estratigrafia muito clara e que o colocava em termos cronológico-culturais no Neolítico, antigo ou médio. O carácter inédito desta situação foi totalmente confirmado a partir de 1999, tanto em XZ-12 como em outros sítios escavados (com o mesmo tipo de implantação): Xarez 4, Fonte dos Sapateiros 1, Carraça 1, tendo-se identificado o mesmo conjunto artefactual em todos eles e, em Carraça 1, até o mesmo tipo de estruturas de combustão.

Se, em termos gerais, a realidade cronológico-cultural protagonizada por XZ-12 parece agora entendível com maior segurança, também em termos específicos o entendimento geral do sítio foi confirmado em 1999. De facto, existe uma continuidade legível de estratigrafia e estruturas.

Para além dos fornos de argila e das estruturas pétreas de combustão, foi ainda encontrado um outro tipo de estrutura. Durante a limpeza da sondagem, em P.18, detectou-se na área Sul um aglomerado pétreo envolvendo a estrutura K e o bloco de granito desagregado onde se adossa a estrutura J. Para tentar perceber este empedrado optou-se por abrir uma área complementar no quadrado N.18.

Foi então possível verificar-se que se tratava de um empedrado, constituído por alguns seixos e por outros elementos pétreos. Apresentava uma extensão inicial aparente de 200 x 80 cm, com uma forma sub-rectangular.

Em associação com este empedrado foi recolhida abundante fauna (um grande osso, N.18-164). A indústria lítica é essencialmente constituída por quartzo e quartzito, lascas e seixos talhados.

Para além da singularidade deste tipo de estrutura no contexto de Xarez 12, apontando provavelmente para outras realidade funcionais ainda não detectadas, a grande importância desta estrutura é a sua integração estratigráfica. Todas as estruturas escavadas até ao momento se integram na UE 2. O empedrado encontra-se coberto por um forno (K) e desenvolve-se numa camada inferior. Assim, regista-se como certa, por observação directa, a seguinte sucessão estratigráfica, neste sector:

UE 4 → Empedrado → UE 3 → Forno K → → níveis de ocupação terminal do sítio.

Estas estruturas dividem-se por vários tipos.

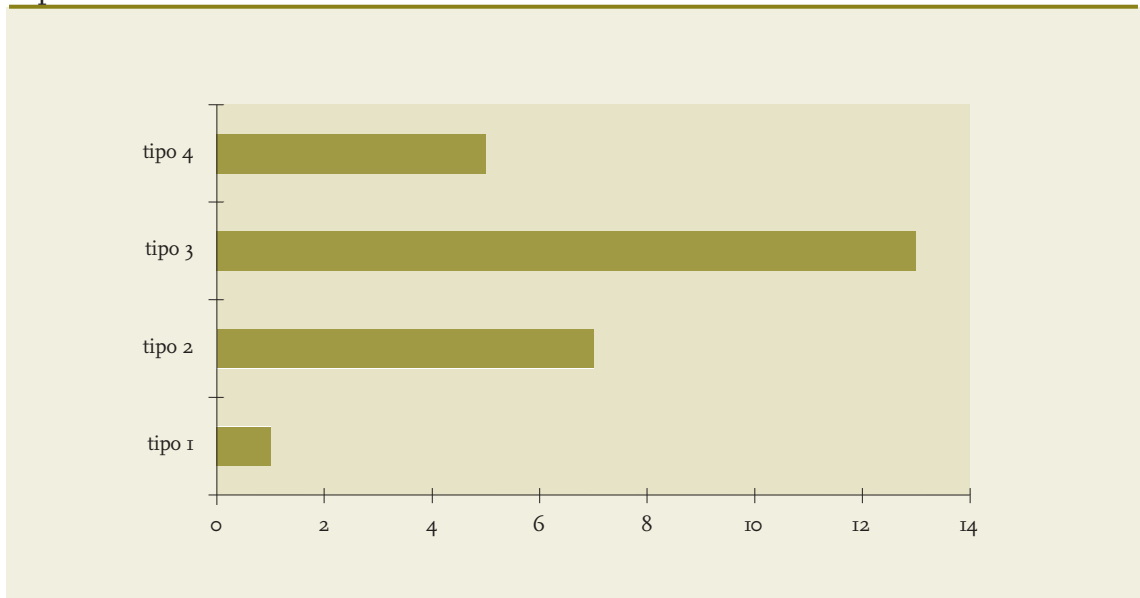
QUADRO 1

Quadro geral de estruturas definidas na Área 3, actualizado em 2002

Estrutura	Escavação	Tipo	Quadrícula	Comentário
A	1998, 2001, 2002	3	N.19	Conjunto A-B-C1-C2
A'	2001	3	N.16	Pequeno empedrado de seixos do rio associado à Estrutura P. Abundantes restos de talhe.
B	1998, 2001, 2002	3	N.19	Inclui deposições funerárias. Conjunto A-B-C1-C2
B'	2001, 2002	2	M.18	Estrutura pétrea de combustão com abundantes carvões
C'	2001	2	M.17/M.18	Estrutura pétrea de combustão
C1	1998, 2001, 2002	3	N.18	Com fundo ceramizado bem conservado. Conjunto A-B-C1-C2
C2	1998, 2001, 2002	3	N.18, .19	Conjunto A-B-C1-C2
D	1998, 2001, 2002	3	M.19	Adossado ao afloramento granítico
D'	2001	2	N.18	Estrutura pétrea de combustão
E	1998, 2001	3	M.18/19	A maior estrutura de XZ-12, continha abundantes valvas de <i>Unio</i> .
E'	2002	3	P.17	Estrutura pétrea de combustão
F	1998, 2001	?	M.19	Restos de construção de uma estrutura?
F'	2002	3	N.18/M.18	
G	1998, 2001, 2002	3	M.19	Pequeno forno muito bem conservado, com artefactos microlaminares no interior (11 lamelas, 3 núcleos, 2 trapézios e diversos restos de talhe)
H	1999, 2001	4	M.17	“Ídolo de cornos” em provável associação
I	1999, 2001	4	N.17	Restos de fauna e fragmentos de lamela, diversos recipientes cerâmicos quebrados no interior, um deles com restos de refeição <i>in situ</i>
J	1999, 2000	4	P.18	Estrutura “vulcão”
K	1999, 2000	4	P.18	Estrutura “ómega”
L	1999, 2000	3	P.18	
M	1999	?	P.18	Restos de carvão
N	1999	?	N.17	Estrutura mal definida
P	1999	?	N.16	Nódulos de argila parecem indicar uma estrutura
Q	1999, 2000	3?	R.18/R.17	
R	2000	2	Q.18	Estrutura pétrea de combustão (seixos)
S	2000	3	Q.17/Q.18	
T	2000	4	Q.17/Q.16	Grande concentração de vasos cerâmicos no exterior imediato
U	2000	3	Q.18/Q.17	
V	2000	2	Q.18	Estrutura pétrea de combustão
W	2000	2	Q.18/R.18	Estrutura pétrea de combustão
X	2000	3	R.18	
Y	2000	3	Q.17	
Z	2000	3	Q.18	
Z'	2000, 2001, 2002	1	N.17/18	Empedrado de quartzito

GRÁFICO 1

Tipos de estruturas de XZ-12.



Começamos agora a compreender a sequência de construção destas Estruturas, por vezes agregadas em *clusters*, com paredes finas e formas alongadas, por vezes adossadas a afloramentos graníticos e parcialmente sobrepostas. O conjunto identificado em 1998 deverá corresponder a um momento mais recuado do Neolítico.

Temos assim:

1. Estruturas de várias formas e dimensões, integráveis ao longo do Neolítico, inseridas na Camada 2 da Área 3;
2. Estruturas de última fase, inseridas no interface 1-2, e integráveis em termos cronológico-culturais no Neolítico final. Este é, provavelmente, pelo menos o caso de fornos como I, Q, T, X. Parece assim tratar-se de fornos de última fase, construídos quando os fornos A a F (e até mesmo os N e P) estavam abandonados e já fora de uso há muito tempo.

3. Tipos de estruturas de combustão

Tipos e funcionalidades

A observação das morfologias das estruturas de combustão de XZ-12 permite avançar uma sua distribuição por tipos (e mesmo funcionalidades):

1. Empedrados de grande dimensão;
2. empedrados circulares de pequena dimensão;
3. grandes estruturas ovaladas de argila, paredes mais espessas e melhor acabamento de superfícies;
4. pequenas estruturas de argila com topo estreito (Estrutura “Vulcão” e “Ómega”).

- Tipo 1

A época e o contexto do tipo 1 são desconhecidos, não sendo improvável que sejam anteriores ao Neolítico.

- Tipo 2

As estruturas de tipo 2 aparecem com as de Tipo 3 e sobrevivem-lhes. Usam indiscriminadamente na sua composição pedras de granito local de pequena dimensão, quartzo bruto e seixos de rio.

- Tipo 3

As estruturas de Tipo 3 – idênticas às identificadas em Carraça 1, são muito provavelmente do Neolítico antigo e evidenciam uma forma cupuliforme, com as paredes que restam inflectindo claramente para o interior.

- Tipo 4

As estruturas de Tipo 4, atribuíveis ao Neolítico final, aparecem com frequência nos níveis superiores e têm conexa numerosa cerâmica lisa ou com aplicação de mamilos. A uma delas (Estrutura I) estava associado um ídolo de cornos. São mais adequadamente “fogareiros” que fornos, uma vez que os dois completos estão abertos no topo e poderiam sustentar recipientes com líquidos, destinados a cozedura de alimentos.

Estruturas de argila – fornos

Morfologia

A forma das estruturas identificáveis é predominantemente de planta circular ou ovóide, as presenças mais alongadas registando-se em estruturas mal conservadas.

A espessura das paredes é variável (entre 2 cm na estrutura S e 30 cm na K). O estado desigual de conservação impede uma leitura correcta sobre a forma integral do forno e o seu fechamento. Apenas o forno J e o L se conservam integralmente, apresentando aquele uma forma geral “em vulcão” e este um topo aplanado que inicialmente lembrava um Ómega e depois se veio a verificar estar mais próximo de uma morfologia em ferradura. A espessura de algumas paredes e o seu diâmetro diferenciado poderá indiciar porém que nem todas as estruturas teriam esse fecho. A existência de lajes graníticas encostadas ao grande afloramento Este (P.18) poderá explicar a forma da cobertura de estrutura circulares, tipo a K ou a L, ou ainda ter desempenhado funções de paravento.

Em 1999, as estruturas cujo interior foi escavado (I e L) evidenciaram logo uma utilização culinária, com fauna mamalógica e malacológica (valvas de *Unio*). Em 2000, sobre a base da estrutura Y foram de novo recolhidas conchas de *Unio* e fauna mamalógica.

A presença de estruturas “negativas” prévias à construção das estruturas de combustão foi atestada: a construção dos fornos deverá ter exigido um trabalho prévio de escavação de uma fossa pouco profunda para posterior trabalho de levantamento da parede e respectiva utilização. A abertura desta fossa complexifica a interpretação estratigráfica, uma vez que a camada em que se integra a base das estruturas é provavelmente um nível anterior. Esta dificuldade interpretativa é particularmente sentida na escavação do interior de fornos sem fundo.

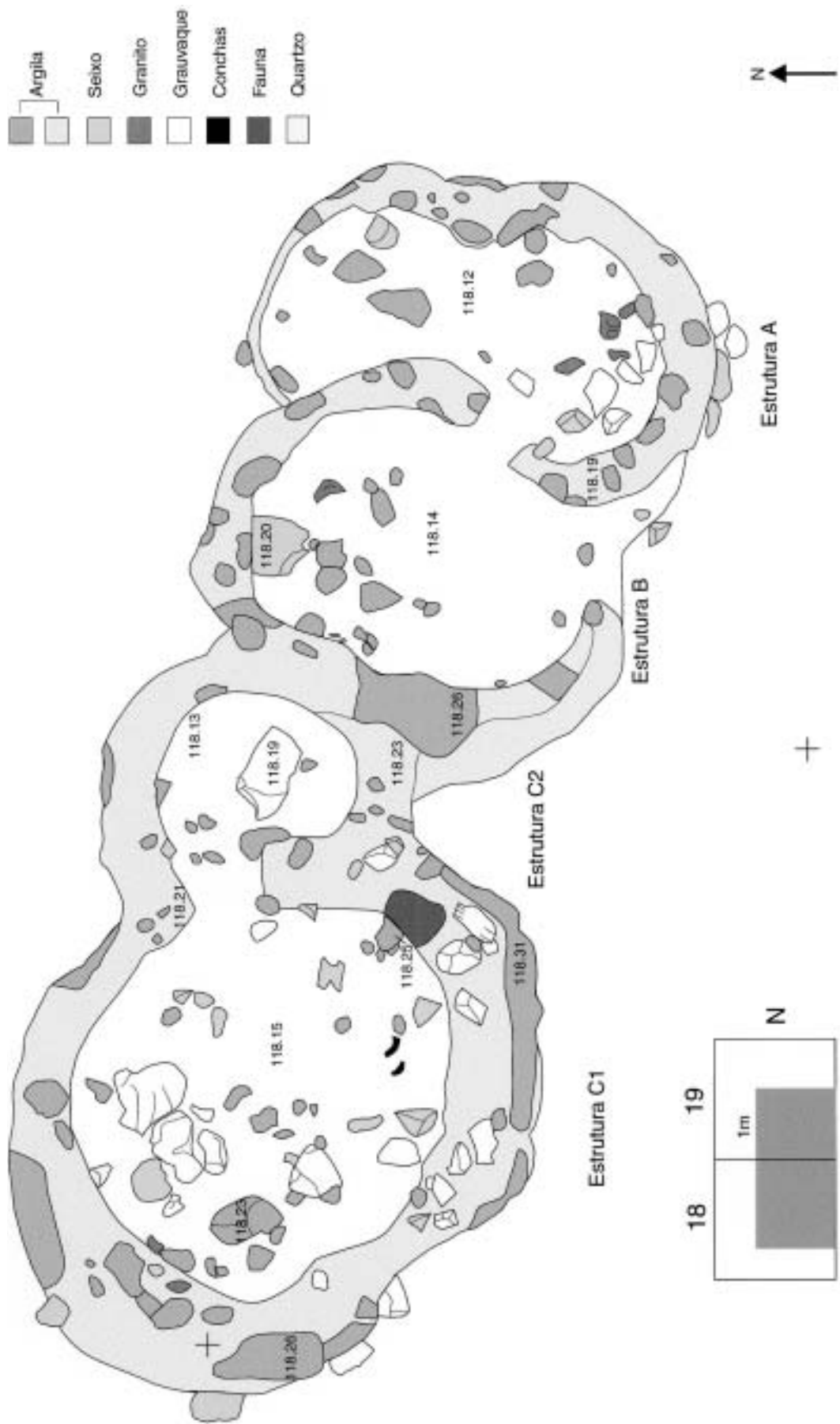


FIG. 4 – Estruturas neolíticas adossadas A-B-C1-C2. Escala 1:10.

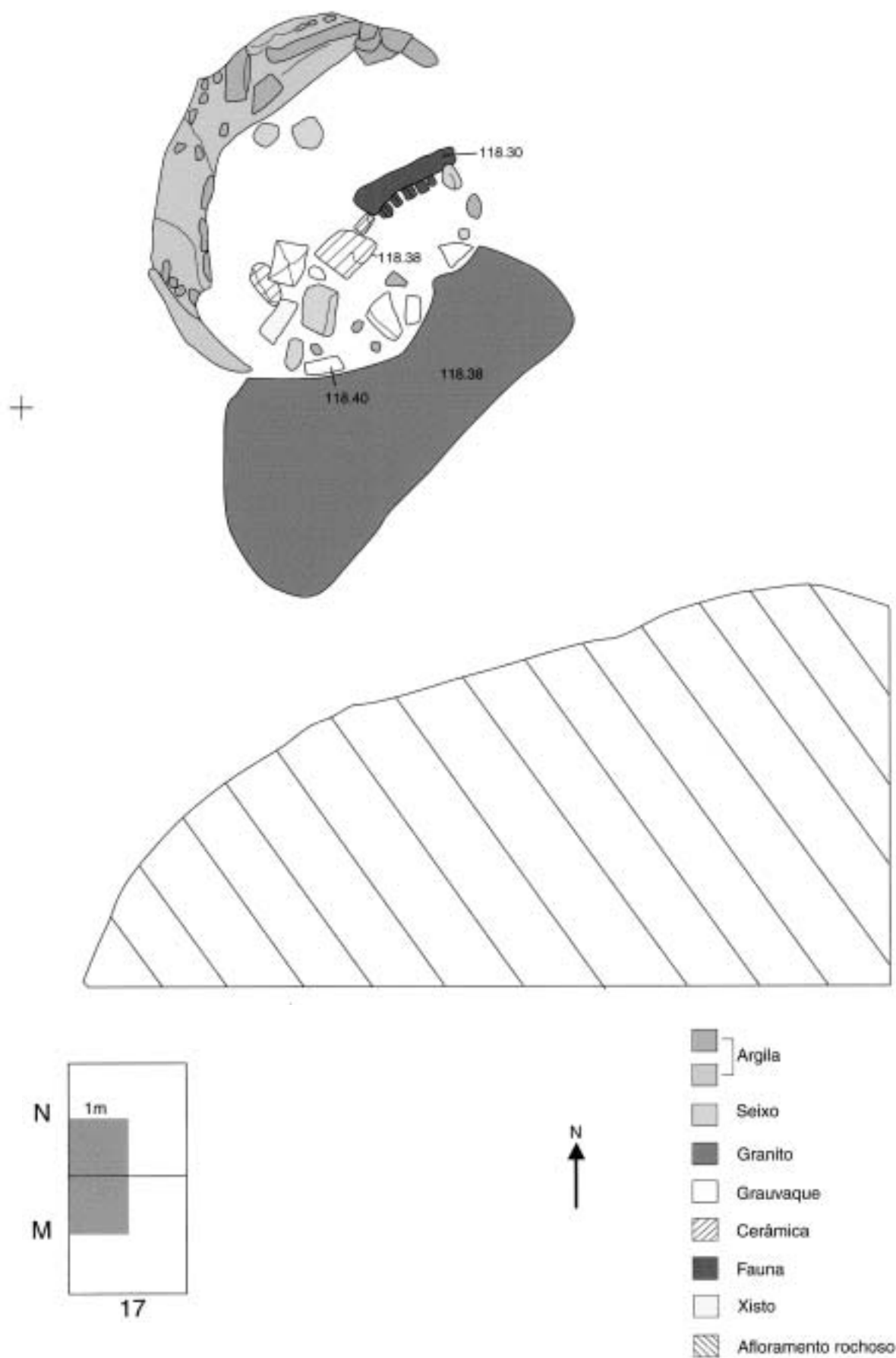


FIG. 5 – Estrutura J, do Neolítico final. Escala 1:10.

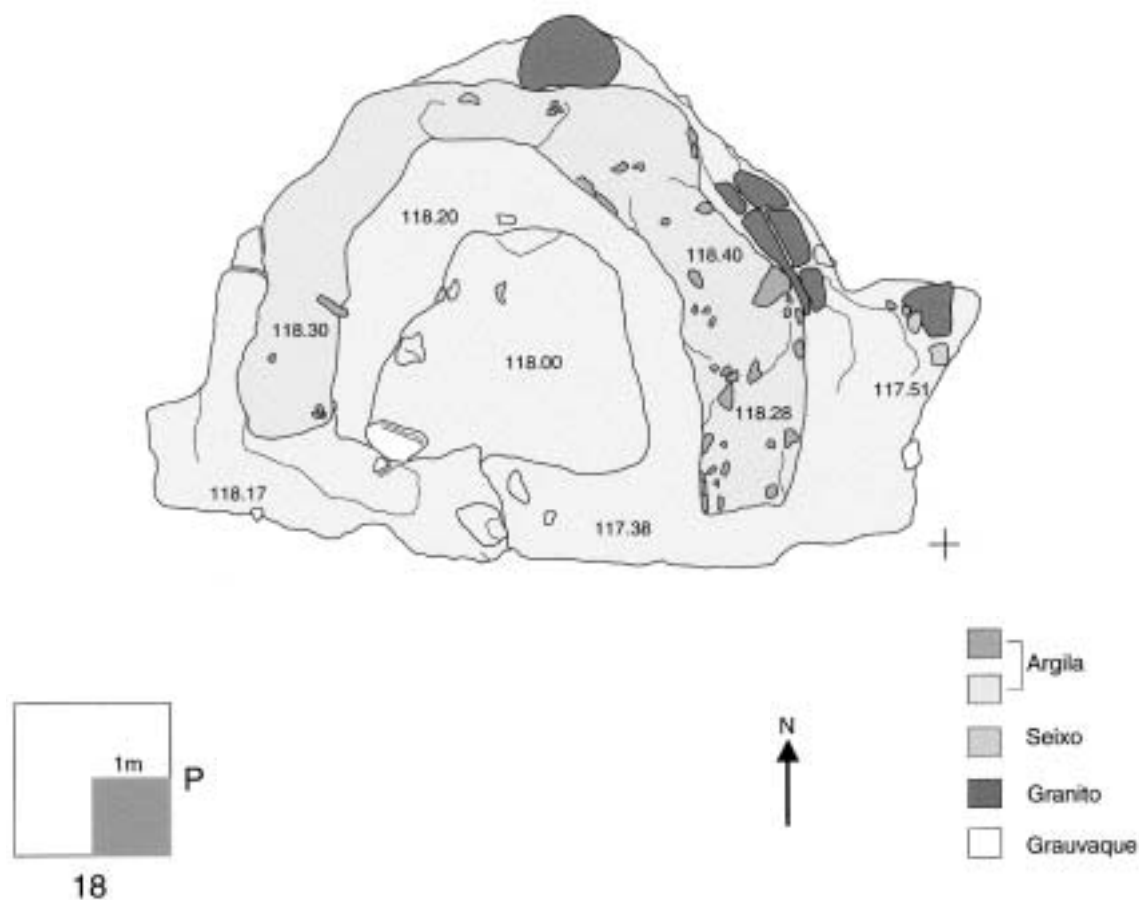


FIG. 6 – Estrutura K, do Neolítico final. Escala 1:10.

Em 2000 foi referido o aparecimento de materiais aparentemente mais antigos, no que poderia ser uma primeira fase de ocupação do sítio: na sondagem P.18 apareceram 3 seixos talhados, um deles (P.18-291) é uma pré-forma tipo III de Santonja com exploração essencialmente centrípeta, os outros (P.18-292, P.18-294) tipo I de Santonja. Poderemos estar perante uma nova unidade estratigráfica, uma vez que o sedimento tinha uma cor mais intensa, que poderá no entanto estar relacionada com uma maior humidade. Na sondagem Q.17, apareceu uma peça de osso polido (Q.17-432). Em P.17, poderemos também estar perante uma nova camada estratigráfica — UE 4 (leitura Munsell às 12:15 h, sol/sombra, 7,5 entre 6/6 e 6/8 reddish yellow).

4. Notas sobre o conjunto de estruturas de combustão de Xarez 12

Sobre a concentração de fornos na Área 3

Nas sucessivas campanhas de escavação na Área 3, foram identificadas 33 estruturas. Esta concentração em cerca de 50 m² escavados, o seu grau de conservação, e a sua especificidade morfológica torna este conjunto único para o estudo do Neolítico no Ocidente peninsular.

A concentração de fornos na Área 3, repetidas vezes se disse, corresponde à escolha deliberada, para fazer lume, de um espaço amplo, protegido pelos penedos graníticos da sobreoxigenação que o excesso de circulação de ar provocaria durante a assadura dos alimentos.

Alguns detalhes sobre os fornos são possíveis de avançar a propósito de:

1. Suporte de construção;
2. uso de uma “placa térmica” de pedras ou seixos, no fundo;
3. espessura das paredes;
4. técnica de construção das paredes;
5. alisamento das paredes internas;
6. tratamento dos topos (só para o tipo 3);
7. tipo de topo;
8. funcionalidade;
9. estratigrafia;
10. estruturação;
11. áreas anexas.

1 - Suporte de construção

O suporte de construção dos fornos era naturalmente a terra alisada e regularizada num plano horizontal. Quando não houve construção do dispositivo térmico, esta terra cozeu e ceramizou. Várias áreas de XZ-12 evidenciavam terra ceramizada, umas resultado de fogueiras não estruturadas, outras derivadas de destruições quase integrais ou mesmo integrais dos fornos ou “fogareiros” respectivos.

No conjunto de fornos escavados integralmente podemos verificar diferentes soluções:

- a) placa térmica assente directamente sobre terra: Estrutura B;
- b) placa térmica assente sobre camada de argila compacta que veste integralmente o fundo: Estrutura C1 e D;
- c) ausência de qualquer suporte de construção: Estrutura E;
- d) colocação da estrutura sobre rocha: Estrutura I;
- e) existência de um nível de seixos na base: Estrutura K e A’.

2 - Uso de uma “placa térmica”

O uso de uma placa térmica no fundo de alguns dos fornos de XZ-12, tal como em quase todos de Carraça 1, permite ajudar na distinção entre os verdadeiros fornos e os “fogareiros”. Com efeito, enquanto um fundo de terra ou argila absorveria o calor, as pedras ou seixos produziram um efeito de convecção e continuariam a devolver o calor acumulado mesmo após o fim da combustão. Em Carraça 1, o pavimento de base de cada forno foi cuidadosamente preenchido com pedras. Parece-me mesmo evidente que o pavimento foi mesmo feito *antes* da moldagem à mão das paredes, situação que não é tão evidente nos fornos de tipo 3, mas obviamente obrigatória nos de tipo 4, todos eles cilíndricos ou troncocónicos.

A placa térmica regista naturalmente, nos seus componentes, as alterações provocadas pelo uso e pelo calor intenso acumulado no interior dos fornos, mas é provável que esse calor pudesse ter variado em duração e intensidade, conforme o tipo de alimento a ser cozinhado, maior para peças de carne e menor para as amêijoas que apenas necessitariam de ser abertas (e cozinhadas) em curto espaço de tempo.

No conjunto dos fornos escavados integralmente verificou-se a seguinte situação quanto à placa térmica:

- foi encontrada nos fornos C_I, D, G, B
- não foi identificada na grande Estrutura E

3 - Espessura das paredes

A espessura das paredes dos fornos e “fogareiros” é muito diversa, sendo claro que a dos primeiros é menor que a dos segundos. Pode parecer paradoxal, mas compreende-se perfeitamente, se aceitarmos a distinção funcional proposta: um forno não suporta nada sobre a cúpula, mas um “fogareiro” tem de resistir ao peso de um recipiente cerâmico cheio de água e alimentos em via de cozedura.

A espessura das paredes é variável (entre 2 cm na Estrutura S e 30 cm na K).

4 - Técnica de construção das paredes

A técnica de construção das paredes varia também nos dois tipos de fornos. No tipo 3 usaram-se placas de argila “coladas” por pressão. No tipo 4, como a área das superfícies era maior usaram-se blocos amassados de argila, esticados e alisados posteriormente. A única estrutura que foge a esta divisão é a Estrutura G que apresenta paredes muito alisadas.

5 - Alisamento das paredes internas

O alisamento interno das paredes verifica-se naturalmente apenas nos “fogareiros”, sendo aí integral. Mas os fornos também foram parcialmente alisados, particularmente durante a primeira metade da sua construção.

6 - Tratamento dos topos (só para o tipo 4)

O tratamento do topo do forno “Ómega” traduz-se por uma cuidada regularização e alisamento. Mas esta é a única situação de este tipo detectada.

7 - Tipo de topo

O estado desigual de conservação impede uma leitura correcta sobre a forma integral do forno e o seu fechamento. Apenas o forno J se conserva integralmente, apresentando este uma forma fechada no seu topo. A espessura de algumas paredes e o diâmetro de algumas

poderá indiciar que nem todas as estruturas teriam esse fecho. A existência de uma laje granítica encostada ao grande afloramento Este (P 18) poderá explicar a cobertura de estrutura circulares, tipo a K ou a L.

8 - Funcionalidade

As estruturas de Tipo 3 e 4 revelaram no seu interior numerosos restos de fauna – geralmente ossos muito fragmentados, mas conservando por vezes as articulações, e conchas de rio (*Unio*). Em algumas das situações identificadas, recolheram-se ossos. Parecia assim atestada a funcionalidade culinária das mesmas. Na generalidade dos casos, encontramos restos de fauna mamalógica e malacológica.

Dois casos se afiguram de interpretação mais difícil:

- Estrutura G
- Estrutura B

Para a estrutura G, constatou-se que não existia qualquer fauna no seu interior. O sedimento do enchimento é muito escuro, denotando combustão, mas os únicos materiais que aqui foram recolhidos são artefactos de pedra lascada (núcleos, lamelas, trapézios, restos de talhe). Poderá ter existido um esvaziamento do interior e uma segunda utilização com objectivos ainda não determinados.

Na Estrutura B, verificou-se uma situação diversa. A presença de um depósito com ossos humanos (crânios e ossos longos associados a uma lamela) no interior de uma das estruturas mais antigas vem equacionar de novo o âmbito funcional das mesmas. Não foi ainda possível proceder à escavação em laboratório de este conjunto, retirado em bloco, mas espera-se que o estudo dos crânios venha permitir responder a muitas questões pendentes. Parece possível que a primeira utilização do forno não correspondesse a este depósito votivo, mas em outro lugar se voltará este tema, aqui uma simples referência.

9 - Estratigrafia

Começamos agora a compreender melhor a sequência de construção destas estruturas tipo forno culinário:

1. Estruturas agregadas em “clusters”, paredes finas e com formas alongadas, adossadas e parcialmente sobrepostas. Conjunto identificado em 1998 e que deverá corresponder ao momento mais antigo de este tipo de estruturas;
2. estruturas de várias formas e dimensões, integráveis em diversos momentos ao longo do Neolítico, inseridas na camada 3, mas cobertas pela camada 2;
3. estruturas de última fase, inseridas no interface 1-2 e integráveis em termos cronológico-culturais no Neolítico final. Este é, provavelmente os casos dos fornos I, Q, T, X. Parece assim tratar-se de fornos de última fase, construídos quando os fornos A a F (e até mesmo os N e P) estavam já fora de uso há tempo.

10 - Estruturação

No espaço compreendido entre o grande afloramento Este e a linha de blocos graníticos, o posicionamento dos fornos é variável:

- próximo do afloramento;
- encostados a blocos graníticos, os quais se apresentam muito degradados, eventualmente devido à acção da combustão;
- numa área central, relativamente isolados;
- em sobreposição com outros fornos.

11 - Áreas anexas

A definição do que é uma “área anexa” a uma estrutura de combustão é muito mais complexa do que parece. Com efeito, a verdadeira área anexa é a do solo em que o forno funcionou, pelo que o espólio “a meia encosta”, pode nada ter que ver com o momento em que o forno foi construído e usado. Na área compreendida entre a sequência de fornos A-B-C2-C1 e o forno E, concentraram-se abundantes restos de fauna mamalógica e malacológica.

5. Breves considerações sobre o espólio

O espólio recolhido em Xarez 12 encontra-se para estudo, depositado na UNIARQ (Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa).

Uma análise prévia parece indicar que globalmente são contemporâneos os conjuntos Xarez de Cima 4, Fonte dos Sapateiros, Xarez 12 e Carraça 1.

Trata-se de um conjunto com uma maior preponderância numérica da pedra lascada, sobretudo micro-utensilagem sobre rochas siliciosas, sílex, quartzo e quartzito: regista-se a presença de núcleos, restos de talhe, lascas, lamelas e elevado número de geométricos que permitem atestar o talhe nesta estação.

Registam-se consideráveis diferenças no espólio encontrado nas várias fases identificadas:

- Nível 1 (UE 1) – camada superficial por vezes com elevado número de materiais do Neolítico final e alguns raros do Neolítico antigo, provenientes de antigas remobilizações.
- Nível 2 (UE 2) – camada com áreas distintas onde surgem em localizações específicas materiais dos dois períodos mencionados, na sequência de fenómenos pós-deposicionais não completamente esclarecidos.
- Nível 3 (UE 3) – Diminuição considerável do número de materiais, extrema raridade de cerâmica.
- Nível 4 (UE 4) – Materiais residuais, maior número de produtos de debitagem em quartzo, eventualmente alguns raros seixos com negativos.

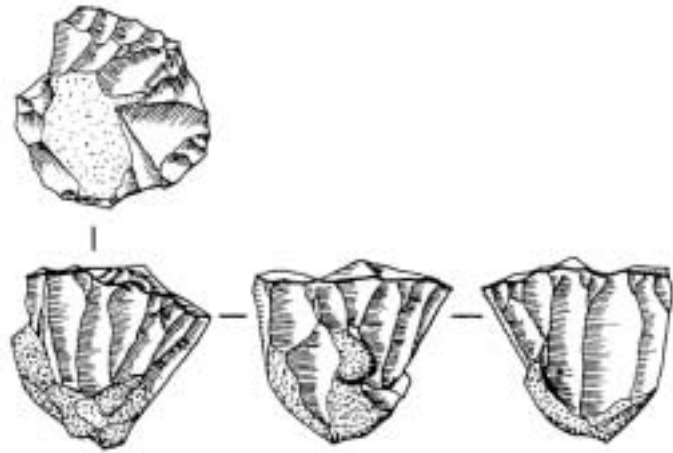


FIG. 7 – Núcleos de lamelas provenientes da Área 3.

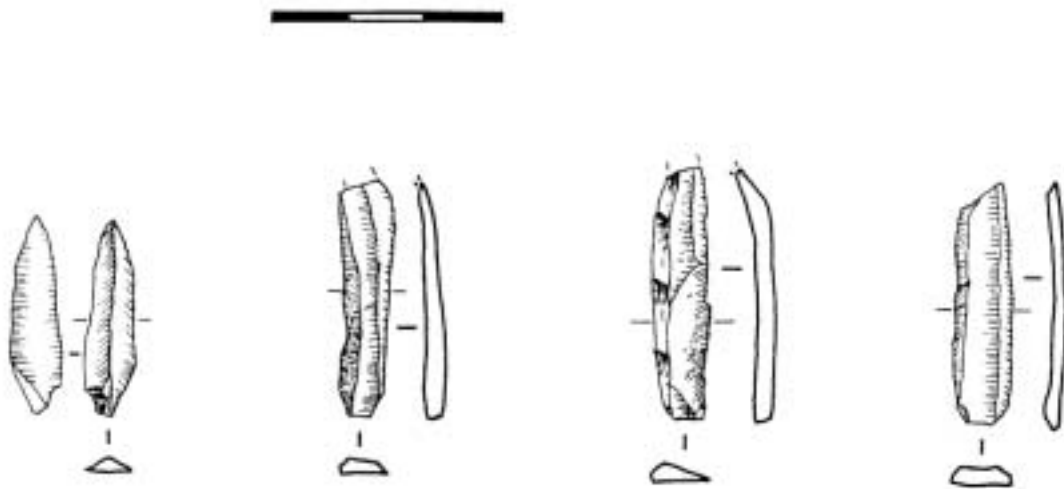


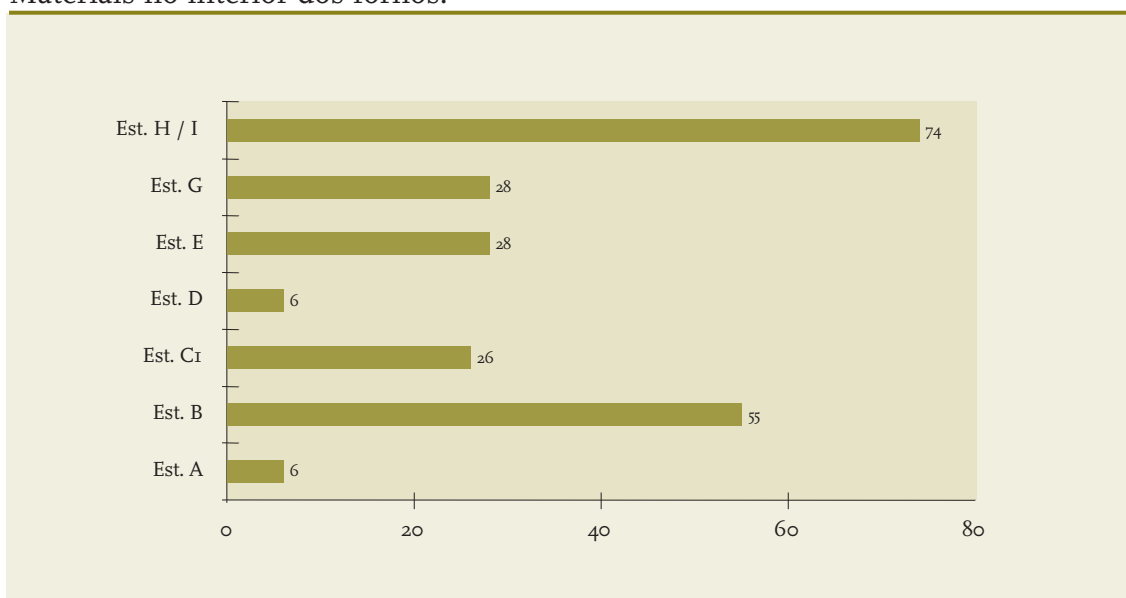
FIG. 8 – Lamelas provenientes da Área 3.



FIG. 9 – Geométricos provenientes da Área 3.

GRÁFICO 2

Materiais no interior dos fornos.



QUADRO 2

Exemplos de materiais provenientes do interior das Estruturas.

Registos	Est. A	Est. B	Est. Ci	Est. D	Est. E	Est. G	Est. H	Est. I
Carvão					4			1
Cerâmica							15	18
Fauna malacológica			3		10			
Fauna mamalógica	2	3	9	1	3		1	6
Lamelas	1	3	5	3	6	2		1
Lascas	1	3	5	3	6	2		1
Macro-utilisagem			1				1	
Núcleos	1					3		
Pedra polida								1
Restos de talhe	1	11	6	1	3	9	4	7
Restos humanos		31						
Trapézios					1	3		

6. O conjunto de estruturas de combustão: resumo

Não parece restar dúvidas que a Área 3 de Xarez 12 polarizou durante vários séculos grupos neolíticos, com animais domesticados, mas mantendo uma actividade recolectora, que aí construíram especificamente os seus dispositivos de combustão. Essa escolha teve que ver com a sua protecção natural dos ventos (fosse qual fosse a direcção destes, apenas de Sul poderiam surgir problemas), impedindo a sobreoxigenação dos fogos.

É garantido que a uma mesma utilização daquela área específica tenham correspondido várias formas de organizar a combustão e de gerir o seu aproveitamento. Mas a sua cronologia só estará estabelecida após a obtenção de datações radiocarbónicas. Até lá, não são permitidas certezas excessivas.



FIG. 10 – Estrutura F', com valvas de *Unio*.



FIG. 11 – Estrutura I, com recipiente quebrado *in situ* e uma mandíbula de bovínico (“sopa de ossos”).

7. Comer no Neolítico, em Xarez-12, Reguengos de Monsaraz

Chegámos portanto, vistas resumidamente as problemáticas relacionadas com as estruturas de combustão identificadas em XZ-12, às conclusões já possíveis sobre o que nelas era cozinhado no Neolítico.

Em primeiro lugar, deve ser sublinhada a presumível polivalência de estas estruturas, sendo obrigatório referir que os numerosos indícios de talhe da pedra em seu torno, a presença de núcleos de lascas, e sobretudo de lamelas, as lamelas e os geométricos podem significar ou operações de talhe efectuadas junto ao calor residual dos fornos ou tratamento térmico das matérias primas. Dentro de alguns dos fornos recolheram-se também materiais líticos, particularmente dentro da Estrutura G e no exterior imediato da Estrutura A'.

Em segundo lugar, que, para a maior parte delas, o que possuímos são restos de cozinhados: ossos de bovídeos, porco, ovelha, javali, veado e conchas de amêijoas de rio (*Unio*).

Daqui poderemos falar certamente de borrego assado no forno e com mais dificuldade de... carne de porco à alentejana...

Na realidade, esta última situação é apenas provável, uma vez que os restos de porco e as amêijoas de rio foram encontradas no mesmo forno, mas não é possível provar se foram efectivamente cozinhados conjuntamente. Poderiam ter sido simplesmente abertas ao lume, após resíduos de uma anterior refeição de porco terem ficado conservados no interior da estrutura.

Excepcional é a situação do forno I, em cujo interior se encontraram vários recipientes quebrados e, dentro do mais recente, uma mandíbula de bovídeo, configurando a conhecida “sopa de ossos”, até há pouco tempo comum na região.

Estas as informações que o actual estado dos nossos conhecimentos permite avançar. Receitas neolíticas... ainda não.

Abril de 2000

Texto revisto e actualizado na Primavera de 2002

NOTA

¹ Unidade de Arqueologia (UNIARQ) • Faculdade de Letras • P-1600-214 Lisboa • Portugal • vsq@mail.doc.fl.ul.pt